**A CANÇÃO DE VIDA**

**Dr. Hélio L. Grellmann**

Poderíamos iniciar estas histórias em muitos outros pontos, mas vamos fazê-lo no momento em que PROPRIETÁRIO, Ser infinitamente sábio, poderoso e bom tomou um jovem casal, cujos nomes eram Homem e Vida, e os colocou num ambiente carinhosamente preparado para ambos. Chamaremos este espaço especial de Horta e Pomar. Além de muitas árvores, flores e cursos de água, Horta e Pomar abrigava grande variedade de animais, aves, peixes, que encantavam Homem e Vida.

Beleza após beleza, maravilha sobre maravilha, o casal foi descobrindo o mundo que os rodeava. Diariamente PROPRIETÁRIO vinha visitá-los e ministra-lhes preciosos tesouros de sabedoria. Revestiu-os de uma companhia muito especial e permanente, chamada Glória. Ela lhes serviria como penhor da constante presença de PROPRIETÁRIO, mesmo quando Ele não Se fizesse visivelmente presente.

Cada vez que Homem e Vida pensassem na fisionomia querida de PROPRIETÁRIO, sentiam o coração pulsar com mais força e desejavam, mais que nunca dantes, tê-lo junto de si. Quando Ele se aproximava, antes mesmo que pudessem divisar-Lhe a majestosa figura, sentia indizível alegria arder no fundo de suas almas.

Durante as agradáveis e sucessivas visitas, PROPRIETÁRIO foi ensinando Homem e Vida a respeito de Si próprio, das pessoas deles mesmos e dos planos dEle para com eles. Explicou-lhes que desejava fossem eles eternos habitantes de Horta e Pomar, cultivando esse espaço de acordo com os métodos que Ele gradualmente lhes estava transmitindo. Deveriam utilizar plenamente os recursos presentes em Horta e Pomar, com exceção de um pequeno espaço que Ele reservara para Si próprio. Não deveriam procurar métodos de cultivo e convivência contrários aos que Ele, PROPRIETÁRIO, lhes ensinasse. Não haveria segurança em assim proceder. Não seria prudente olharem muito para si mesmos. Quanto mais pensassem em PROPRIETÁRIO, maior felicidade desfrutariam. Conservariam a felicidade enquanto vissem a si próprios como auxiliares dAquele que os colocara ali.

Proprietário foi particularmente enfático quanto a um ponto: o perigo representado por Impostor. Este, um renegado, andava fazendo forte campanha contra os métodos de Proprietário, pois era portador de uma irresistível tendência a arrastar outros seres à perda de privilégios que ele próprio perdera no passado, inclusive o da presença visível de Glória. Os argumentos de Impostor poderiam ser os mais variados, uma vez que não tinham qualquer compromisso com a verdade. Ele lhes proporia aparentes vantagens. Homem e Vida precisavam estar sempre atentos. Não lhe seria seguro afastar-se um do outro. Não deveriam aproximar-se do Espaço Reservado. Só ali o Impostor teria plena liberdade de ação.

Naquela tarde Homem e Vida observaram uma sombra de tristeza nos olhos de Proprietário quando Este os advertiu de que dar ouvidos às pretensões de Impostor significaria para eles infinita perda. Seriam acometidos pela síndrome Hamartia e em particular por sua mais danosa manifestação, a doença Philautos. Acatando as instruções do Impostor, perderiam a amada Glória e cairiam num abismo de desgraça que culminaria com a morte de ambos.

Este último pensamento, embora não fosse plenamente compreendido, encheu Homem e Vida de terror, pois significaria a eterna separação um do outro, e a perda do precioso convívio com Proprietário. Não, decididamente não queriam enfrentar tal perda. Não dariam ouvidos a Impostor.

Os dias transcorriam cheios de paz e indescritível felicidade para Homem e Vida. Certo dia, porém, ela, inadvertidamente, começou a afastar-se do companheiro e a caminhar descuidadamente pela extensão de Horta e Pomar. Não seria capaz de explicar porque, mas experimentou uma pontinha de regozijo por sentir-se mais livre mais dona de si. Não tardou muito, percebeu que se encontrava justamente nos limites do Espaço Reservado. Assustou-se com o fato e teve o ímpeto de sair dali correndo, mas ao mesmo tempo um considerável grau de curiosidade apossou-se dela. Muito mais surpresa e curiosa ficou ao ouvir a voz provindo do interior daquele espaço. Não era a voz de Homem, seu companheiro. Não era a voz de Proprietário. Era uma voz doce, linda, encantadora, di-fe-ren-te.

“Então, Vida, é você?”.

“Siim... eu sou eu, mas... quem é você?”.

“Sou seu amigo, Vida... Puxa, vendo-a agora mais de perto... como você é linda!”.

“Bem... obrigada, mas ainda não sei quem é você!”.

“Tenha calma, Vida. Já lhe disse que sou seu amigo. Não se assuste. Desejo apenas vê-la feliz. Tenho observado você e seu companheiro, e sinto muita pena de vocês”.

“Pena de nós? Porque? Somos tão felizes!”.

“É... mas poderiam ser muito mais... assim como eu... Proprietário impôs a vocês algumas restrições estranhas, absurdas. Este Espaço, por exemplo. Reservado. Para que? Estes métodos de cultivo, arcaicos, ineficientes... É uma pena, Vida”.

“Mas Proprietário afirmou – e não parecia estar brincando – que se nós procurássemos inventar novos métodos ou violássemos o Espaço Reservado, isso nos acarretaria muita desgraça e, por fim, a morte”.

“Morte? Há, há, há. Não existe morte, Vida. O seu nome nega esta possibilidade. O problema é que Proprietário finge que gosta de vocês, mas ao mesmo tempo não lhes dá liberdade de serem tudo o que poderiam. Experimente, Vida, chegue aqui, mais perto”.

“Não sei... estou tão confusa... Se ao menos meu companheiro estivesse aqui para a gente trocar idéias...”.

“Ora Vida, você é suficientemente crescida e inteligente para tomar suas próprias decisões. Além do mais, você e Homem não precisam seguir o tempo todo se curvando diante dos caprichos de Proprietário. Vocês podem tornar-se independentes, proprietários com Ele, e não apenas semi-escravos como são agora. Poderão cultivar Horta e Pomar segundo os seus próprios métodos e de acordo com aqueles que estou disposto a ensinar gratuitamente a vocês. Vai ser fabuloso conhecer novas técnicas, que atualmente Proprietário não lhes ensina porque quer seguir mantendo sob Seu controle o” Know-how “do negócio. Ele é partidário da exploração capitalista... Podes crer, Vida, podes crer: o segredo é ser igual a Proprietário. É o caminho da independência!”.

Vida ainda titubeou um pouco, mas a proposta lhe parecia muito atraente: deixar de ser semi-escrava (pois agora, depois das palavras de Impostor, que lhe abriram os olhos, sentiu-se exatamente assim – semi-escrava! Como é que não se dera conta antes?). Deixar de ser semi-escrava e tornar-se a dona! Trabalhar apenas para si própria, ficar com todo o produto de Horta e Pomar, não Ter de prestar contas a Proprietário. Isto era bom demais! Ali mesmo decidiu receber a primeira aula prática de Impostor.

Não foi nenhum curso de boas maneiras, ao contrário. Todo enfoque ocorria no sentido de levá-la a ver, com olhos bem claros, os seus próprios interesses. Tratava-se, sem qualquer dúvida, de uma nova visão das coisas – mais completa, mais ampla, mais abrangente, mais segura. Pelo menos assim pareceu a Vida num primeiro momento. (1) Desapareceram seus temores no tocante ao desagrado que Proprietário poderia sentir; aliás, começava a desfrutar da sensação de que nem mesmo precisaria de Proprietário daí por diante.

Satisfeita com a primeira aula, combinou logo outras com Impostor. Este sentiu-se muito mais satisfeito ainda. Haveria de utilizar Vida para convencer Homem de que os novos métodos eram, em muito, superiores aos de Proprietário.

Extasiada, Vida correu em direção ao companheiro, o qual de relance, percebeu que algo errado acontecera. Nem havia necessidade de muitas explicações, mas Vida revelava genuíno entusiasmo com as novas possibilidades. Mostrou a Homem que agora seriam também proprietários e não mais precisariam dividir seus interesses com quem quer que fosse. O companheiro, ainda que triste e perplexo, tomou rapidamente a decisão de trilhar este novo caminho e – quem sabe? – igualar-se a Proprietário. Afinal, não poderia tudo ser, realmente, verdade?

Mal haviam os dois dados os primeiros passos no suposto caminho da independência, perceberam que Glória sua discreta e constante companhia, não mais se encontrava com eles. Abandonara-os sem prévio aviso. Começaram a sentir-se mal. O que ainda não sabiam era que, desde o momento em que receberam a aula de Impostor, haviam sido atingidos por Philautos, enfermidade terrivelmente contagiosa, e que se insere na síndrome mais ampla, Hamartia. Não lhes estava muito claro ainda, naquele momento, outra dramática realidade: toda a vida deles seria modificada sob os efeitos de Philautos.

O prazer que antes sentiam em usar suas habilidades para cantar hinos a Proprietário e honrar-Lhe o nome, agora desvanecera. Mexer nos bolsos para tirar dali algo que não fosse em proveito deles parecia agora tremendamente difícil; era como se os bolsos se houvessem congelado. Gastar tempo pensando em Proprietário e nas criaturas que povoam Horta e Pomar era agora muito difícil. E já não conseguiam imaginar seus próprios organismos como pertencendo a Proprietário, aliás, parecia-lhes que jamais fora assim. Seu pensamento só conseguia satisfazer-se quando pensavam em si mesmos; paradoxalmente, contudo, estas reflexões tampouco lhes produziam qualquer felicidade duradoura. Agora tudo era fugaz, menos os sintomas menos os sintomas de Philautos.

Homem e Vida se aperceberam de que Philautos possuía outras características pavorosas, além de ser contagiosa. Assim como toda a síndrome Hamartia, Philautos se estendia rapidamente pelo organismo, com as áreas atingidas crescendo sem controle, sem qualquer freio o que a tornava uma doença expansiva, tal como os tumores malignos (os cânceres). A subtaneidade de seu surgimento gerará sintomas semelhantes aos ocasionados pelo trauma. A deformação causada em todo o organismo evidenciava ser ela também uma enfermidade degenerativa. Um pouco mais tarde o casal dar-se-ia conta, quando do nascimento de seus filhos e netos, que a doença era também hereditária, pois em todas as sucessivas gerações de seus descendentes, tiveram a infausta oportunidade de observar seus sintomas, sinais e resultados.

Tudo isso era apenas o começo do sofrimento, para onde quer que volvessem os olhos, o Homem e Vida, só conseguiam contabilizar perdas. A primeira perda percebida fora a de Glória. Mas Proprietário já não se reunia com eles: era como se o houvessem perdido. Perderam Horta e Pomar, seu lar de encanto e beleza. Perderam também a saúde vigorosa de antes, e sentiam-se diariamente definhando sobre os efeitos da Síndrome Hamartia. Domar o solo de cultivo, agora que este se tornara hostil, constituíam uma dificuldade nada desprezível. Até mesmo as criaturas que antes se revelavam tão dóceis e encantadoras, agora se afastavam deles, temerosas e arredias, ou então lhes mostravam os dentes, ameaçadoras e desafiantes. O casal infinita tristeza, chorando profusamente muitas e muitas vezes, sobretudo quando os seus próprios descendentes lhes lançavam em rosto, em tons irados, a estultícia de sua decisão ao haverem atendido as alegações de Impostor.

Só uma coisa os consolava. Na ocasião em que tiveram de abandonar Horta e Pomar, Proprietário lhes fizera uma linda e solene promessa: O sofrimento não duraria para sempre. Transcorreriam anos, séculos, talvez milênios, mas Ele lhes enviaria Amigo-Irmão, seu filho único, para lhes ensinar como voltar. Amigo-irmão seria como um deles, viveria como eles e teria de experimentar na própria carne a artimanha e a fúria das investidas de Impostor. Teria de apresentar aos seus descendentes muitas aulas sobre os verdadeiros métodos de cultivo e administração de Proprietário. Tais aulas teriam forte embasamento teórico, mas seriam muito mais convincentes em virtude de sua exposição prática na pessoa do Amigo-irmão. Este sofreria mais que qualquer outro ser. Lágrimas e angústias lhe afligiram a existência. Teria de caminhar sobre um trilho estreito e espinhoso. Este trilho chamar-se-ia caminho do retorno. Sim, para Amigo-irmão, o caminho do retorno seria estreito e espinhoso, a fim de que o mesmo pudesse ser um pouco mais suave – embora não isento de dificuldades – para Homem, Vida e seus descendentes.

O único pensamento que constituía consolo para o casal, paradoxalmente lhes causava também a maior de todas as tristezas. Para que Amigo-irmão pudesse demonstrar a falácia dos argumentos de Impostor e revogar suas técnicas; para que pudesse ensinar corretamente e claramente o Caminho do Retorno; para poder triunfar sobre a síndrome de Hamartia e, particularmente, sobre sua mais cruel manifestação, Philautos, o boníssimo Amigo-irmão precisaria submeter-se à morte, conseqüência de Hamartia.

Este pensamento quase levava Homem e Vida ao desespero. Prefeririam enfrentar a morte, eles próprios, a vê-la atingir o inocente Amigo-irmão. Mas lembravam, então, das ponderações de Proprietário, de que unicamente Amigo-irmão poderia trilhar, antes que eles, o Caminho do Retorno. Era desejo dele, Proprietário, que tal caminho fosse trilhado. Só assim Homem e Vida, assim como seus futuros descendentes, poderiam outra vez estar na presença de Proprietário. O casal compreendeu, pois, que Proprietário sentia muita saudade deles, e que ocupavam sem Seu coração um lugar que não seria jamais preenchido por quaisquer outros seres.

Vida, com sua forte veia poética e musical compôs uma triste e linda canção, que expressava a dor e esperança do casal, face a promessa de Proprietário. Eles entoaram ou recitaram muitas vezes a canção, e a ensinaram a seus descendentes. Ficou conhecida através dos séculos, como a Canção da Vida – um duplo significado, que associava o nome da autora ao fundamento representado por seus próprios termos. Dizia assim:

“Foram-se os lírios do vale

Foram-se as plumas da beleza

Foi Se nosso Amigo que no crepúsculo

Ali passeava com certeza.

Foram-se os inocentes prazeres

Que alegravam o dia ensolarado.

Meu coração, mesmo do mal manchado,

Eleva-se em louvor e gratos dizeres

Àquele que me fala de perdão,

Que Sua vida em meu lugar deporá

E sobre minha cabeça pecadora

O precioso sangue de Sua morte derramará...(2)

Errei o caminho, Seus planos frustrei

Sua linda amizade tão mal compreendi

Perdi a inocência, do Bem desgarrei

Porque à voz enganosa de Impostor atendi.

Perdi também Glória, fiel companhia,

Presença constante, penhor de alegria.

Não posso conter os soluços e prantos

Pois para reaver este mundo de encantos

Amigo-irmão terá de sofrer

Insultos e dores, e por mim morrer,

Trilhando de volta o Caminho perdido

Até que eu encontre, em mim, renascido “.

Homens e Vidas, Adãos e Evas tem entoado esta canção ao longo dos séculos. É ela a canção da Família Colina, assim como a de todas as famílias da Terra.

* Romanos 3:23
* Romanos 5:12

Por que é tão difícil entendermos e aceitarmos o Caminho do Retorno? Por que nos parece tão pesaroso libertar-nos da doença PHILAUTOS (egoísmo), e de toda a síndrome HAMARTIA(pecado)? Por que tendemos a nos revoltar quando são apontados nossos erros, sendo que neste processo o intuito do amorável Proprietário celestial é abrir-nos os olhos para a realidade, permitindo-nos assim vislumbrar a única possibilidade de reencontro com a Sua glória? É porque a essência de nossa natureza carnal é atingida. Mas é assim, meus estimados irmãos que precisa ser.

Declara a Inspiração:

“A obra de restauração jamais será completada a menos que as raízes do mal sejam atingidas (e a raiz do mau é Philautos, egoísmo” (3)).

Na Igreja Adventista o caminho do Retorno (ou obra de restauração) recebe um nome especial, que tem perdido o seu significado positivo e até mesmo adquirido conotação negativa. É o termo “mordomia”. O velho e ardiloso Impostor sente-se muito satisfeito ao observar o desvirtuamento deste conceito na mente dos filhos e filhas de Deus. Vê que está funcionando a mesma tática que ele empregou em Horta e Pomar, o Jardim do Éden. Mas não vamos nos submeter a seus embustes. Vamos compreender, hoje, que Mordomia – o Caminho do Retorno – é nada mais, nada menos que a restauração da glória de Deus sobre o homem pecador. Apenas um lampejo, confirmemos pela Inspiração este conceito, aplicado, à guisa de exemplo, a duas áreas de mordomia, a do corpo e a dos bens materiais:

“A restauração do corpo prepara o caminho para a restauração da alma”.(4)

“A própria essência do evangelho é a restauração”.(5)

“Pôs Ele meios nas mãos do homem, para que Seus dons divinos possam fluir através de canais humanos, fazendo, nós a obra que nos foi designada, de salvar nossos semelhantes. Esta é uma das maneiras em que Deus exalta o homem”.(6)

“Deus planejou o sistema de beneficência a fim de que o homem se pudesse tornar como seu Criador: de índole benevolente e abnegada, e ser finalmente co-participante de cristo, da eterna e gloriosa recompensa”.(7)

A visão divina quanto ao Caminho de retorno – Mordomia – é expressa no apelo do apóstolo Paulo:

* Romanos 12:1 e 2

Vista assim, como realmente é, Mordomia não se caracteriza por uma incômoda tentativa de alguém enfiar a mão em nossos bolsos e arrancar daí o que não estamos dispostos a entregar ou por monótonos apelos para que dediquemos tempo e talentos à causa de Deus; ou por enfadonhas exposições que pretendem provar a superioridade do vegetarianismo e outros hábitos saudáveis de vida. Não. Antes será ela vista como a inigualável oportunidade, que o Senhor busca, de restaurar em nós a glória de Seu caráter, até que possamos retornar à Sua presença pessoal e visível.

“Todos os que se empenham no trabalho ativo no campo, assim como os que dão seus meios para sustentar esses obreiros, participarão das alegrias dos fiéis... Logo estaremos no lar que nos foi prometido. Ali Jesus nos guiará ao longo das vivas correntes deáguas que fluem do trono de Deus, e nos explicará as negras provid6encias pelas quais nos conduziu para noa aperfeiçoar o caráter. Ali veremos a cada lado as belas árvores do Paraíso e, no meio delas, a árvore da vida. Ali contemplaremos com clara visão as belezas do Éden restaurado. Lançaremos ali, aos pés de nosso Redentor, as coroas que nos colocou na cabeça e, tangendo nossas harpas de ouro, daremos louvor e ação de graças Aquele que está assentado no trono”.(8)

Referências

1. Patriarcas e profetas, 48 (3º edição).
2. A Canção de Eva, 196.
3. Comentários de EGW, 5BC, 1152.
4. Medical Ministry, 240.
5. Conselhos sobre Saúde, 31.
6. Mordomia e Prosperidade, 15.
7. Idem, idem.
8. Idem, 348 e 350.